



UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA CENTRO DE
EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO
(MPEDU)

**EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E A FILOSOFIA DO BEM VIVER:
RELAÇÕES QUE SE ESTABELECEM A PARTIR DE UMA REVISÃO DE
LITERATURA**

Patrimônio cultural da população negra e educação

Carlos Geraldo Mossmann Junior ¹

Universidade Regional do Cariri – URCA

carlos.mossmann@urca.br

Maria Carla da Silva Pereira²

Universidade Regional do Cariri – URCA

mcarla.silva@urca.br

Francisca Laudeci Martins Souza³

Universidade Regional do Cariri – URCA

laudeci.martins@urca.br

Resumo: Esta pesquisa se insere nos interesses temáticos do grupo de estudos e pesquisas Observatório do Bem Viver (CNPQ/CAPES) e tem como objetivo discutir a importância da educação antirracista e decolonial no Brasil, com foco na valorização do patrimônio cultural da população negra e na filosofia do Bem Viver. A pesquisa de natureza qualitativa, utiliza autores como Alberto Acosta (2016), Ailton Krenak (2019), Antônio Bispo dos Santos (2023), bell hooks (2021), Cida Bento (2022), Paulo Freire (2011), Luiz Rufino (2021) e Walter Dignolo (2008) para analisar a necessidade de desconstruir o eurocentrismo e promover a justiça social. Os resultados apontam para a necessidade de práticas educativas que integrem saberes ancestrais, valorizem a diversidade cultural e promovam a descolonização do pensamento. O artigo defende a importância de uma educação que rompa com as estruturas de poder coloniais e construa um futuro mais justo e sustentável, em harmonia com a natureza. O público de interesse inclui educadores, pesquisadores, gestores educacionais, estudantes e demais interessados em temas como educação antirracista, decolonialidade, cultura afro-

¹ Arte Educador - Bacharel e Licenciado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com Pós-graduação em Metodologia do Ensino de Arte, e também Mestrando em Educação (PMPEDU/URCA). É pesquisador no Grupo de Estudos e Pesquisas Observatório do Bem Viver (CNPQ/CAPES).

² Graduada em Letras pela Universidade Regional do Cariri (URCA) e Mestranda em Educação (PMPEDU/URCA). Pesquisadora no Grupo de Estudos e Pesquisas Observatório do Bem Viver (CNPQ/CAPES).

³ Professora Associada do Departamento de Economia da Universidade Regional do Cariri (URCA), é também professora permanente do Mestrado Profissional em Educação (PMPEDU/URCA) e líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Observatório do Bem Viver (CNPQ/CAPES).

brasileira, filosofia do Bem Viver e justiça social.

Palavras Chave: EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA; DECOLONIALIDADE; BEM VIVER.

INTRODUÇÃO

Buscar conhecer e reconhecer os artefatos da cultura negra, que refletem diversas filosofias africanas, é fundamental. Compreender as origens e resgatar a ancestralidade é também fortalecer processos individuais e coletivos de identidade étnico-racial. Esses artefatos, expressos através da arquitetura, música, dança e religiosidade, e várias outras manifestações culturais, são testemunhos vivos desse legado.

Neste contexto, integrar saberes de origem africana na educação é imprescindível para construir uma sociedade mais justa. Principalmente para desmitificar essa visão hegemônica e ideológica fincada nas raízes da superioridade branca. Por isso, ao desafiar narrativas eurocêntricas, a educação decolonial se alicerça na valorização da diversidade cultural e de saberes ancestrais.

É nesse contexto que a voz de Ailton Krenak (2019) e Antônio Bispo dos Santos (2023) ecoam nas perspectivas profundas para revalorizar essas tradições, propondo uma ruptura com paradigmas coloniais. Luiz Rufino, com a ideia de "desaprender o cânone", destaca a importância de reavaliar o currículo, promovendo inclusão e resistência cultural. Cida Bento e Bell hooks enfatizam narrativas, relatos, e sobretudo, a preservação das histórias negras como ato de re-existir no mundo que todos os dias ameaça e descredibiliza esses povos.

Assim, a educação antirracista se torna um pilar essencial para dismantellar desigualdades, criando espaços de aprendizado que respeitem e celebrem a riqueza cultural que emerge das comunidades que por séculos foi subalternizada. Portanto, buscamos contribuir através deste estudo para uma prática educativa diversa e inclusiva, que é essencial para fortalecer identidades e promover a diversidade.

METODOLOGIA

Esta pesquisa envolve uma revisão bibliográfica que busca selecionar e examinar os principais conceitos e teorias sobre a educação antirracista na perspectiva decolonial, com foco nas novas pedagogias que promovem o Bem viver. Para isso, adotou-se uma abordagem qualitativa, apoiada nos referenciais teóricos de Alberto Acosta (2016), Ailton Krenak (2019),

Antônio Bispo dos Santos (2023), bell hooks (2021), Cida Bento (2022), Paulo Freire (2011), Luiz Rufino (2021) e Walter Mignolo (2008).

A análise dos dados foi realizada de forma qualitativa, com o objetivo de identificar e discutir os principais temas que emergiram das leituras. As informações foram organizadas em categorias temáticas, o que permitiu uma discussão profunda e crítica de cada aspecto relevante do tema.

Nesse sentido, Paulo Freire (2011), um educador e filósofo brasileiro, sublinha a necessidade de uma pedagogia que questione as estruturas de poder e privilégio, promovendo a conscientização e a emancipação das pessoas historicamente oprimidas. Além disso, na perspectiva decolonial, a educação deve estar alinhada com a luta por justiça social e pelo reconhecimento de diversas formas de conhecimento.

Por outro lado, bell hooks (2021), pensadora e ativista norte-americana, traz importantes contribuições para a compreensão das intersecções entre raça, gênero e classe. Suas obras revelam como o sistema colonial-moderno-capitalista se sustenta na opressão e marginalização de certos grupos sociais. Nesse contexto, para hooks, a educação decolonial deve valorizar as epistemologias e narrativas desses grupos.

Cida Bento (2022), mulher negra e escritora brasileira tensiona para reestruturalização da equidade e igualdade. Na luta incansável pela quebra dos “pactos narcísicos” assim como ela pontua, e ao fortalecimento da autoconsciência da justiça e pluralidade em todos os ambientes.

Alberto Acosta (2016), economista e ex-ministro do Equador, propõe uma nova maneira de pensar o desenvolvimento, chamada "bem viver" (Sumak Kawsay). Ele acredita que a educação deve adotar essa ideia, focando em criar sociedades mais justas, sustentáveis e em harmonia com a natureza.

Ailton Krenak (2019), um destacado líder indígena no Brasil, nos ensina sobre a profunda conexão entre os povos indígenas e a natureza. Ele destaca que devemos enxergar a terra como um ser vivo, interligado a nós, e não apenas como um recurso a ser explorado. Krenak nos desafia a repensar nossa relação com o planeta, promovendo uma educação que valorize e integre os conhecimentos e a sabedoria ancestral dos povos indígenas.

Ainda nessa linha, Antonio Bispo dos Santos (2023), intelectual e ativista negro brasileiro, destaca a importância de uma educação que valorize as raízes ancestrais africanas e quilombolas, bem como a resistência desses grupos frente ao colonialismo e racismo estrutural. Segundo Bispo, a educação decolonial deve servir à descolonização dos saberes e à promoção da justiça racial.

Walter Mignolo (2008), explora como a colonialidade está profundamente conectada à modernidade ocidental. Como um dos principais pensadores da decolonialidade, ele explica que a modernidade não existe sem as práticas coloniais que a formaram. Ele nos mostra como essas estruturas de poder e conhecimento, criadas durante o período colonial, ainda impactam nosso mundo hoje. Sua análise é essencial para entender as dinâmicas de poder atuais.

Por fim, a pesquisa de Luiz Rufino (2021) está intimamente relacionada com os debates em torno da cultura popular e da relação entre descolonização e educação. No livro "Vence Demanda – Educação e descolonização", Rufino propõe provocar os educadores a refletirem sobre o papel da educação e o caminho para torná-la emancipadora. Nessa obra, ele evoca ensinamentos das macumbas brasileiras para questionar o "assombro colonial" que oprime a sociedade, apostando na educação como "força de batalha e cura" para os processos de descolonização.

Em suma, esses referenciais teóricos mostram a importância de uma educação decolonial e antirracista que rompe com as estruturas coloniais e valorize os saberes, práticas e cosmovisões dos povos historicamente marginalizados. Essa abordagem educacional deve estar alinhada com a luta por justiça social, reconhecimento da diversidade e construção de sociedades mais justas, sustentáveis e em harmonia com a natureza.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

A busca por uma educação que descolonize o pensamento, combata o racismo e promova a justiça social é urgente e necessária. Walter Mignolo (2008) argumenta que a educação decolonial desafia as estruturas de poder da modernidade/colonialidade, abrindo espaço para formas de saber frequentemente silenciadas pela história colonial.

É nesse contexto que a voz de Ailton Krenak (2019), um dos mais potentes pensadores do Brasil contemporâneo, se torna essencial. Krenak (2019), em sua sabedoria profunda, nos convida a abandonar o paradigma ocidental dominante, que nos aprisiona em uma visão de mundo egocêntrica e predatória.

Alberto Acosta (2016), em sua pesquisa relacionada aos povos originários nos apresenta o Sumak Kawsay, o Bem Viver, uma cosmovisão que reverencia a diversidade, a harmonia com a natureza e o respeito aos saberes ancestrais. O Bem Viver como filosofia de vida, não se limita à prosperidade econômica, mas se estende à comunhão com a Terra, à integração com os ciclos da natureza, à valorização das culturas e conhecimentos tradicionais.

Portanto, a educação antirracista, nesse sentido, se alinha à filosofia do Bem Viver, buscando dismantlar as estruturas de poder que perpetuam o racismo e a desigualdade social. Ailton Krenak (2019), em seu livro “Ideias para adiar o fim do mundo”, enfatiza a relação harmônica com a natureza e critica o modelo de desenvolvimento que ignora a sabedoria ancestral dos povos indígenas, promovendo a descolonização do pensamento e a valorização da cosmovisão indígena.

Cida Bento (2022), na sua obra “O Pacto da Branquitude” reverbera a necessidade de reconhecermos que o racismo não se manifesta apenas em atos individuais, mas também em estruturas sociais, institucionais e políticas que perpetuam a desigualdade vigente. O racismo institucionalizado, presente em leis, políticas públicas e práticas sociais.

Por isso, devemos pensar a necessidade de educar a comunidade, como bell hooks (2021) pontua, que devemos caminhar na direção da educação que humaniza e reconhece as potencialidades do outro. Afirmando que a educação como uma prática libertadora, também abre caminhos para liberta-nos do desamor cravado, em não se enxergar de forma consciente no mundo.

Antônio Bispo dos Santos (2023), em seu livro "A Terra Dá, A Terra Quer", nos oferece uma profunda reflexão sobre a importância da cultura quilombola e a necessidade de resistir à lógica colonial. Ele destaca a importância de ir à escola para aprender sobre o mundo fora da comunidade, mas com o objetivo de contribuir com a comunidade, em vez de buscar apenas status. "A gente precisa ir para a escola para aprender, para poder voltar para a comunidade e ajudar a melhorar a vida de todos", afirma Bispo (p. 24). Sua obra nos convida a reconhecer a sabedoria ancestral presente nas comunidades quilombolas e a valorizar a oralidade como forma de transmissão de conhecimento.

A descolonização do pensamento, fundamental para a construção de uma educação antirracista e para a promoção do Bem Viver, exige a desconstrução de narrativas eurocêntricas que colocam a cultura ocidental como superior. É preciso reconhecer a riqueza e a legitimidade dos saberes ancestrais, como os indígenas e os afro-brasileiros, que foram sistematicamente silenciados e invisibilizados pela história colonial.

Luiz Rufino (2021), em seu livro "Vence-Demanda: educação e descolonização", defende a necessidade de "desaprender o cânone" - um conjunto de ideias e valores eurocêntricos e coloniais que dominam a educação tradicional. Para ele, a descolonização do pensamento exige a desconstrução desse cânone, reconhecendo e dismantlendo as estruturas de poder que o sustentam.

Essa desconstrução abre espaço para a diversidade de saberes, valorizando culturas e experiências marginalizadas, resgatando a memória histórica e cultural e dando voz a grupos silenciados. A educação popular, ao valorizar os saberes populares e a participação de todos, se torna um instrumento crucial na luta contra o racismo e a desigualdade social.

Rufino (2021) argumenta que a educação deve se voltar para a descolonização, rompendo com a lógica colonial e reconhecendo as vozes e saberes marginalizados. A educação antirracista, nesse sentido, se torna um elemento central na busca por uma educação inclusiva que integre os saberes ancestrais e as experiências de comunidades afetadas pela violência colonial.

A descolonização se torna um compromisso contínuo de alinhar práticas educativas com a busca por justiça social, cultura e identidade, evidenciando que a luta contra a opressão deve estar no centro da prática educacional.

A integração desses conceitos exige metodologias transformadoras. Um currículo inclusivo, incorporando histórias e culturas de povos marginalizados, é essencial para desconstruir narrativas eurocêntricas e promover a justiça social. É preciso, como sugere Krenak (2019), "adiar o fim do mundo e, quem sabe, reinventá-lo". A aprendizagem comunitária, com projetos participativos, promove autonomia dos alunos, incentivando a participação e a construção de conhecimento coletivo. A educação ambiental, parte essencial da educação antirracista e do Bem Viver, deve enfatizar a harmonia com a natureza e a preservação de recursos naturais, promovendo a sustentabilidade e a responsabilidade ambiental. Métodos participativos, inspirados em Paulo Freire (2011), são cruciais para a conscientização e emancipação dos alunos, estimulando a crítica e a reflexão sobre as desigualdades e as opressões existentes.

Antonio Bispo dos Santos (2023) nos alerta para a destruição da cultura e da vida em comunidade promovida pela lógica colonial: "Os caminhos estreitos que antes ligavam as comunidades, permitindo a coexistência de diversas vidas, foram alargados pelos colonialistas, em detrimento da diversidade" (p. 58). Ele nos convida a repensar o papel da escola na preservação da cultura e na luta contra o racismo, reconhecendo a importância dos espaços de convivência e do compartilhamento de saberes.

A descolonização do pensamento também exige a valorização da oralidade e dos saberes tradicionais, muitas vezes transmitidos de forma oral nas comunidades indígenas e quilombolas. A oralidade, como forma de transmissão de conhecimento, é fundamental para a preservação da cultura e da memória histórica, e precisa ser reconhecida como um sistema de conhecimento válido e importante.

Antonio Bispo dos Santos (2023) também enfatiza a importância do quintal na casa do quilombo, um espaço de convivência e compartilhamento de saberes, fundamental para a resistência e a valorização da cultura quilombola. "O quintal é o coração da casa do quilombo, onde a gente se encontra, conversa, aprende e celebra a vida", afirma o autor (p. 59). A obra de Bispo é um chamado à ação, um convite à transformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação contínua de educadores em práticas decoloniais e antirracistas é crucial para criar um ambiente de respeito e equidade nas escolas, capacitando os educadores a lidar com temas raciais e culturais de forma crítica e sensível. É fundamental, no entanto, que a decolonialidade não seja tratada como um mero método pedagógico, mas sim como um ato político fundamental para a transformação social. A decolonialidade exige uma profunda mudança de mentalidade, desconstruindo as estruturas de poder que perpetuam a desigualdade e o racismo. Programas de formação devem capacitar educadores a desenvolver práticas pedagógicas inclusivas, promovendo justiça social e sustentabilidade, e a desconstruir as narrativas eurocêntricas que dominam o sistema educacional.

É preciso ir além da mera aplicação de técnicas e ferramentas, e mergulhar na profunda transformação de mentalidades, estruturas de poder e relações sociais. A decolonialidade é um chamado à ação, um convite à transformação profunda e radical do sistema educacional, e para isso, é preciso que os educadores estejam preparados para essa jornada, compreendendo a decolonialidade como um ato político fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A implementação dessa proposta enfrenta desafios: resistência à mudança, com eurocentrismo e racismo institucionalizado; falta de formação que dificulta práticas transformadoras; recursos e infraestrutura limitados; desafios políticos como censura e instabilidade; e falta de articulação, que fragiliza o movimento. Superar esses desafios exige esforço conjunto de educadores, gestores, pesquisadores e movimentos sociais. Integrar saberes locais e valorizar a diversidade prepara futuras gerações para um mundo mais consciente e solidário, desafiando noções ocidentais de progresso e propondo um modelo que prioriza a sustentabilidade e a justiça social.

Que possamos, com a sabedoria de Krenak e Bispo dos Santos, com a força da educação popular e com a orientação de Luiz Rufino, tecer um futuro onde o Bem Viver seja o nosso canto, a nossa dança, a nossa existência.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, A. O Bem Viver: Uma Oportunidade para Imaginar Outros Mundos. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.
- BENTO, C. O pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- HOOKE, B. Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança. Elefante: Elefante, 2021.
- FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- KRENAK, A. Ideias para Adiar o Fim do Mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MIGNOLO, W. A opção decolonial: desprendimento e abertura. Um manifesto e um caso. *Tabula Rasa*, n. 8, p. 243-282, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhv/>. Acesso em: 02 ago. 2024.
- SANTOS BISPO DOS, A. A terra dá, a terra quer. Piseagrama. Ubu Editora, 2023.
- RUFINO, L. Vence-demanda: educação e descolonização. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.